

POESIAS DE HANNAH ARENDT¹

Verão de 1925

[SEM TÍTULO]

Por que me dás a mão
Tímida e como que secretamente?
Será que vens de uma terra tão distante
Não conheces o vinho aqui nascente?

Não conheces nosso mais belo ardor
– será que vives tão sozinha? –
Com o sangue, com o amor
Um no outro ser todinha?

Não sabes do dia as alegrias
De com o mais amado seguir?
Não sabes da noite as partidas
Toda em melancolia seguir?

Venha comigo e tenha por mim carinho
Não penses em teu pavor
Não podes afinal entregar-te?
Chegue, tome e dê.

¹ LUDZ, Ursula (org). *Hannah Arendt – Martin Heidegger: correspondência 1925/1975*. Tradução Marco Antonio Casa Nova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, pgs. 300, 302, 303 e 304.

Ir então por entre o campo maduro
– Papoulas e trevos selvagens –
Mais tarde no mundo vasto e puro
Provoca-nos dolorosas imagens.
Ao nos sentirmos tocados, como no vento
Uma forte lembrança nos enlaça
Quando em tremor fantasticamente suave
Nossa alma se enleva.

Inverno de 1925/1926

QUEIXA

Ah, os dias! Eles voam inutilizados como um jogo
E as horas ficam desprotegidas frente ao martírio do fogo.

Dos tempos o para cima e para baixo
Escorre lentamente através de mim
Cantei velhas canções
Não sei mais do que no começo enfim.

E uma criança não pode mais absorta seguir o
Prescrito curso.
E um ancião não pode mais paciente saber que a vida é um
longo
Percurso.

PARA OS AMIGOS

Não confiai na suave queixa,
Se o olhar do sem-pátria
Ainda timidamente vos corteja
Senti o quão orgulhosamente a mais pura ária
Tudo ainda ocultamente festeja.

Percebi da gratidão e fidelidade
O mais terno tremor.
Vós sabeis: em constante novidade
Terá lugar o amor.

CANÇÃO DA NOITE

Apesar os dias seguem em frente,
Deixam nosso tempo passar.
Sempre os mesmos sinais obscuros
Vai a noite sem voz preparar.

Sempre o mesmo ela tem de dizer
Sobre o mesmo tom se manter
Aponta também para novos ramos
Incessantemente apenas o que já éramos.

De modo alto e estranho atrai a manhã,
Rompe o obscuro mudo olhar
Devolve-nos com mil novas preocupações
Para o multicolorido dia a raiar.

Mas as sombras permanecerão.
Para que se feche timidamente o dia,
Deixem-nos em rios velozes
Em direção a costas distantes navegar.

Nossa pátria são as sombras
E se profundamente nos cansamos,
No colo noturno da noite
Esperamos por um suave consolo.

Esperando podemos perdoar
Toda dor, toda aflição.
Nossos lábios começam a se fechar
Sem o som o dia inicia sua ascensão.